

## **CAMINHOS TRILHADOS, AVALIAÇÃO DE UMA DÉCADA (1997-2007):**

### **Egressos do curso de história da UESC<sup>1</sup>**

**Maristela de Oliveira Reis<sup>2</sup>**

Neste texto, apresento os resultados da pesquisa realizada no curso de Especialização em História do Brasil(2010-2011), trabalhando com uma amostragem de 30 egressos do Curso de História da UESC, que no momento da pesquisa se encontravam, em sua maioria, atuando como docentes nas escolas de Itabuna. O objetivo do trabalho foi em conhecer o percurso profissional dos egressos após a sua formação como professores de História. Esta pesquisa foi realizada com os egressos do curso, perfazendo 10% do total dos graduados no período de uma década (1997-2007), ou seja, de 300 egressos licenciados. Acreditamos que conseguimos alcançar os resultados esperados, pois a pesquisa possibilitou traçar um perfil dos egressos no que tange à sua trajetória acadêmica anterior e que hoje encontram-se inseridos no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Ensino de História, formação de professores, egresso.

Neste texto, apresento os resultados da pesquisa realizada no curso de Especialização em História do Brasil (2010-2011), trabalhando com uma amostragem de 30 egressos do Curso de História da UESC, que no momento da pesquisa se encontravam, em sua maioria, atuando como docentes nas unidades escolares de Itabuna. O objetivo do trabalho foi conhecer o percurso profissional dos egressos após a sua formação, como professores de História.

A metodologia adotada foi pesquisa qualitativa e quantitativa, cuja opção metodológica se ampara em seu caráter fenomenológico que, segundo Marli Eliza de André, “[...] enfatiza os aspectos subjetivos do comportamento humano e preconiza que é preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender (...) acontecimentos e as interações sociais que ocorrem em sua vida diária”<sup>3</sup>.

Dentre as formas de aplicação da pesquisa qualitativa, o recurso utilizado foi o questionário, tendo como objetivo levantar questões sobre a formação dos professores de História da UESC e sua atuação pedagógica no campo do ensino de História, focando ainda a sua relação com a Universidade após a conclusão do curso.

Sobre a metodologia escolhida para a aplicação da pesquisa, do tipo pesquisa-ação, cabe salientar que esta opção metodológica enfoca essencialmente o planejamento da ação, sua execução, a coleta de dados, a análise e a reflexão dos problemas. Esta investigação foi realizada com os egressos do curso de História, tendo um caráter de amostragem, por ter sido aplicada a 30 professores de História na cidade de Itabuna-Ba, perfazendo 10% do total dos

graduados no curso no período de uma década (1997-2007), ou seja, de aproximadamente 300 egressos licenciados, conforme relação obtida junto à SECREGE – Secretaria Geral de Cursos da UESC.

A apresentação dos resultados obtidos na aplicação dos questionários será exposta, de forma parcial, em forma de tabelas e análises subsequentes a estas, s nesta empreitada, assim como as questões suscitadas nas respostas ao questionário e que podem servir de referência para futuras pesquisas sobre o tema.

Tabela 1 – Ano de conclusão do curso de História pelos egressos pesquisados (1997-2007).

ANO	ENTREVISTADOS					
	1997 a 1999	%	2000 a 2003	%	2005 a 2007	%
	10	33	8	27	12	40
TOTAL	30		100%			

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2 - Tempo de serviço na docência dos egressos de História/UESC (1997-2007).

TEMPO QUE LECIONA	ENTREVISTADOS	%
2 anos ou menos	4	13
Entre 3 e 5 anos	5	17
Entre 7 e 9 anos	3	10
Mais de 10 anos	18	60
TOTAL	30	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando conjuntamente as Tabelas 1 e 2, considerando o ano de conclusão do curso e o tempo de serviço de 18 docentes de História, podemos inferir, portanto, que uma média de sete egressos já se encontrava atuando como docente em sala de aula antes mesmo de se formarem.

Na Tabela 2, dos cinco egressos que assinalaram tempo de experiência de 3 a 5 anos, constatamos que 4 desses se formaram entre os anos de 2005 e 2006, o que nos leva a concluir, portanto, que estes entrevistados passaram a lecionar apenas após a conclusão do curso. Com base nesses dados, podemos afirmar então que um dos objetivos do curso de “entregar ao mercado de trabalho o Graduado em História com habilitação em Licenciatura, capacitado para atuar nas áreas de ensino, pesquisa e extensão nos níveis de 1º e 2º graus”<sup>4</sup> está sendo atingido em proporção significativa na área do ensino, apesar dos graves problemas enfrentados pelos profissionais em educação na contemporaneidade, tais como:

baixos salários, estrutura precária das escolas, falta de incentivo por parte dos governos na formação continuada dos professores.

Tabela 3 – Formação atual dos professores egressos de História/UESC (1997-2007).

FORMAÇÃO	ENTREVISTADOS	%
1. Graduação	12	40,1
2. Curso de Especialização	16	53,3
3. Curso de Mestrado	1	3,3
4. Curso de Doutorado	1	3,3
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Acerca da *formação continuada*, essencial ao aperfeiçoamento e atualização da prática para uma melhor atuação profissional dos docentes, verificamos, através da Tabela 3, que 53,3% dos egressos cursaram e/ou estão finalizando cursos de especialização. Entendemos que os projetos de formação continuada de professores de História devem considerar o historiador-educador como alguém que domina não apenas o processo de construção do conhecimento histórico, mas, sobretudo, um conjunto de saberes e mecanismos que possibilitam a socialização desse conhecimento nos limites da instituição escolar. Selva Fonseca defende que “[...] Saber alguma coisa não é mais suficiente para o ensino, é preciso saber ensinar e construir condições concretas para seu exercício.”<sup>5</sup>

Considerando que 59,9% dos 30 egressos entrevistados buscaram a continuidade na sua formação, em contrapartida, um número considerável dos entrevistados, 40%, ainda estão no nível da graduação. Podemos inferir, principalmente se analisarmos as respostas referentes à jornada de trabalho e nível salarial, dispostas nas tabelas 5 e 6, que se torna difícil para o professor conciliar a realidade da sua profissão com a busca pela continuidade na sua formação.

Tabela 4 – Situação profissional dos egressos de História/UESC (1997-2007).

LOCAL ONDE TRABALHA	ENTREVISTADOS	%
Escola Pública	Municipal	5
	Estadual	14
Ensino Técnico	Público	1
	Particular	1
Ensino Superior	Público	1
	Particular	1
Escola Particular	-	4

Atua em outra área	-	3	10,0
TOTAL		30	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Na observação da Tabela 4, verificamos que 90% dos 30 egressos entrevistados encontram-se atuando como docentes de História. Deste percentual, cerca de 70% trabalham em unidades escolares da rede pública, 20% na rede particular e 10% não atuam na área da sua formação.

Tabela 5 – Jornada de trabalho dos professores egressos de História/UESC (1997-2007).

JORNADA DE TRABALHO (semanal)	ENTREVISTADOS	%
Menos que 20h	1	3,3
20h	2	6,6
40h	14	46,5
60h	8	27,0
Atua em outra área	3	10,0
Não respondeu	2	6,6
TOTAL	30	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao quesito carga horária de trabalho dos egressos, observamos que as jornadas trabalhadas são exaustivas, considerando que cerca de 50% desses professores cumprem uma carga horária de 40 horas/aula semanais e que, para manter este patamar com vistas a garantir um melhor salário, devem assumir um maior número de turmas e, conseqüentemente, de quantidade de alunos, cuja situação gera a falta de tempo para dedicar-se ao planejamento e a outras atividades correlatas da disciplina.

Tal realidade, já apontada como uma característica do dia-a-dia do professor nas últimas décadas, foi mencionada por Déa Fenelon, em artigo elaborado na década de 1980, no qual destaca que essa situação encontra-se mascarada nas ações dos governos, onde predomina o pensamento de que o ensino não é um trabalho difícil e que, portanto, os professores não precisam de uma formação qualificada, reduzindo desta forma a importância da atuação docente na realidade escolar, onde se destaca as péssimas condições de ensino e de trabalho do professor, tais como salas superlotadas, nenhuma condição de infraestrutura, excessiva carga horária para o professor e reduzida para a disciplina que ministra, salários irrisórios e indignos, nenhum incentivo a seu aperfeiçoamento, “[...] completado o quadro de

descrédito a que se quer reduzir o profissional do ensino de 1º e 2º graus. Na verdade, o caminho parece, como já salientamos, bem traçado: desqualifica-se a sua formação universitária para desvalorizá-lo como profissional, submetendo-o às piores condições de remuneração e de trabalho dos últimos tempos.”<sup>6</sup>

Tabela 6 – Nível salarial no exercício da docência dos egressos de História/UESC (1997-2007)

NÍVEL SALARIAL	ENTREVISTADOS	%
Menor que R\$ 510,00	1	3,3
R\$ 510,00 a 800,00	3	10,0
R\$ 800,00 a 1.500,00	8	26,7
R\$ 1.500,00 a 2.000,00	6	20,0
R\$ 2.000,00 a 3.000,00	3	10,0
Acima de R\$ 3.000,00	6	20,0
Não respondeu	3	10,0
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos dados demonstrados na Tabela 6, sobressai o fato de que o professor, para ter um salário que cubra as suas necessidades básicas e também de sua família, precisa trabalhar em torno de 40 horas ou 60 horas semanais. Durante a aplicação dos questionários e em conversas informais com os egressos, constatamos que dentre os 9 professores que assinalaram um salário mensal acima de R\$ 2.000,00, assumiram cargos de Direção das Escolas Públicas Estaduais, trabalham no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA e estão no grupo de professores que trabalham 60 horas.

Tabela 7 – Perfil do curso de História/UESC, na opinião dos egressos (1997-2007).

FORMAÇÃO NO CURSO DIRECIONADA PARA	ENTREVISTADOS	%
Professor	14	46,6
Professor/Pesquisador	11	36,7
Pesquisador	2	6,7
Não ficou claro	3	10,0
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao perfil/direcionamento da formação do graduando no curso de História/UESC, na opinião dos egressos, constatamos que houve a predominância por duas opções. Nestas, procuramos destacar a opinião manifestada pelos egressos que concluíram o curso em anos diferentes, no decorrer de uma década (1997/2007), cujas transcrições apresentamos a seguir:

1) Justificativas que se referem à formação para professor:

Egresso do ano de 1999: “*Na minha época o curso de história estava mais direcionado a formar professor.*”; Egresso do ano de 2006: “*Por se tratar de um curso de licenciatura plena*”.

2) Justificativas relativas à formação para professor/pesquisador:

Egresso do ano de 1999: “*O curso era de licenciatura, mas nos seminários, encontros da área, vimos muitos trabalhos voltados à pesquisa.*”; Egresso do ano de 2006: “*As disciplinas da maior duração do curso eram voltadas à pesquisa.*”

Considerando os objetivos a seguir, chamando a atenção que estes objetivos encontram-se também no PAC do curso de História, aprovado em 2006:

c) ministrar um curso que produza um profissional com formação global e integrado aos campos do ensino e da pesquisa, atendendo às novas concepções do trabalho no campo da História que se verificam na produção historiográfica contemporânea e nos programas oficiais;

d) como consequência do item anterior, fugir de ações dicotômicas e restritivas nos campos do ensino e da pesquisa, favorecendo a concepção integral e a alimentação recíproca das duas áreas de atuação; (UESC, 1996, p. 7).

Na visão dos egressos entrevistados e analisando os objetivos do curso, a “*formação global e integrado aos campos do ensino e da pesquisa*” não foi percebida. Conseqüentemente, o objetivo de fugir à dicotomia ensino x pesquisa não foi verificado. Esta questão é mencionada com certa frequência nas falas dos estudantes de História/UESC, onde se observa uma longa permanência desta indefinição quanto ao direcionamento do Projeto Pedagógico do curso. É importante salientar que, em certos momentos do desenvolvimento do curso, quando se avança nos semestres e principalmente no momento em que o graduando deve definir o tema da sua pesquisa monográfica, nota-se que poucos alunos conseguem associar o exercício da pesquisa à sua futura prática pedagógica<sup>7</sup>.

Tabela 8 – Nível de dificuldade na transposição dos conhecimentos obtidos no curso, na prática em sala de aula.

DIFICULDADES	ENTREVISTADOS	%
Sim	8	26,67
Não	14	46,67
Um pouco	8	26,67
Muita dificuldade	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Nos itens relativos à visão que o estudante, e posteriormente egresso do curso, tem com relação à formação, notamos que tais análises incidem diretamente no seu trabalho em sala de aula, considerando que dentre os 30 entrevistados, mais de 50% respondeu que teve dificuldades ou pelo menos “um pouco” em transpor os conhecimentos obtidos no curso de graduação para as aulas de história que ministram às turmas do ensino fundamental e médio.

Na questão subsequente, ao indagarmos acerca de qual fator que os 16 egressos atribuíram a esta dificuldade, constatamos que 15 entrevistados apontaram a “distância existente entre teoria e prática” como fator preponderante, “responsável” para esta situação. A discussão acerca desta antiga questão polêmica, da dicotomia entre teoria e prática, merece uma atenção especial e permanente, envolvendo as Universidades, seus colegiados e departamentos, buscando alternativas através de ações e projetos que levem o aluno do curso a ter contato com a prática pedagógica a partir do semestre em que **este passa** a ter contato com as disciplinas voltadas para a prática docente, reforçando a importância das disciplinas específicas do conhecimento histórico em trabalharem também com a aplicação destes conhecimentos na prática em sala de aula.

Tabela 9 – Forma de organização dos conteúdos nas aulas de História.

METODOLOGIA	ENTREVISTADOS	%
Eixos temáticos	12	40,0
Sequência cronológica	8	27,0
Segue a disposição dos conteúdos do livro didático	5	17,0
Outros	1	3,3
Não respondeu	4	12,7
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar o trabalho do professor de História e a sua formação acadêmica (Tabela 7, *Perfil do curso de História na opinião dos egressos*), tivemos a intenção de verificar se ele aplica os conhecimentos adquiridos no curso em suas práticas na sala de aula. Nas respostas reunidas nesta tabela, podemos perceber que, mesmo considerada pelos historiadores como uma forma “tradicional e positivista” de perceber o processo histórico, a sequência cronológica ainda é adotada por 27% dos egressos em suas práticas de ensino na escolaridade básica. Por outro lado, 40% destes, adotam eixos temáticos nos seus trabalhos em sala de aula, buscando, desta forma, enfatizar nas aulas de História, os conceitos/concepções de mudanças e permanências no desenvolvimento do processo histórico, as noções de tempo (temporalidades históricas), de sujeito histórico, de cultura e de cidadania, além de destacar a historicidade dos conceitos<sup>8</sup>.

Tabela 10 – Nível de ensino que o egresso de História/UESC mais atua.

NÍVEL DE ENSINO QUE TRABALHA	ENTREVISTADOS	%
Ensino fundamental II	12	40,0
Ensino médio	11	36,7
Ensino técnico	2	6,7
Ensino superior	2	6,7
Não respondeu	3	10,0
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>	<b>100</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

Do exposto na Tabela 10, verificamos que 76,7% dos egressos são professores de História, atuando nos níveis do ensino Fundamental II (40%) e Médio (36,7%). Esta constatação leva-nos a reafirmar (conforme já destacado na análise da Tabela 4) que o professor de História, tem maior aceitação e vagas no mercado de trabalho do que o historiador, sendo a escola de nível básico e médio o local que mais emprega os professores. Também fica evidente que é mínimo o percentual dos egressos que alcança postos de trabalho no ensino técnico especializado e, principalmente nas instituições de nível superior, tanto públicas quanto privadas. Esta situação pode estar relacionada aos aspectos já apontados acerca da formação continuada desses egressos (ver Tabela 3), os quais, mesmo apresentando



um significativo percentual de realização de cursos *Lato Sensu*, poucos foram os que se propuseram a realizar cursos *Stricto Sensu*.

Diante de todos os problemas e dificuldades que os professores enfrentam, constatamos que 66,7% dos egressos entrevistados não pretendem mudar de profissão. Estes dados reforçam a importância do curso de licenciatura em História da UESC para a comunidade regional.

A questão 21, que trata do contato do egresso com a UESC depois de formado e engajado na vida profissional, apenas 10 egressos, ou seja, 30%, continuaram mantendo contatos com a UESC, sendo que 3 destes são servidores da Instituição, portanto, em contato com projetos, cursos, seminários na área de História, e os outros mantiveram algum contato, utilizando de forma eventual a Biblioteca ou através de curso de especialização. Os 20 restantes, ou seja, 70% dos egressos entrevistados responderam que o contato com a UESC depois da conclusão do curso de História foi praticamente nulo.

Na questão 22, ou seja, como o egresso analisa a relação da UESC com a comunidade, observamos que 50% dos egressos consideram que há um distanciamento entre a UESC e a comunidade em seu entorno, sendo que apenas 13% dos egressos assinalaram que a UESC tem uma boa relação com a comunidade. As respostas a esta questão apontam para uma atenção maior da UESC com relação à sociedade, analisando o seu papel como instituição de ensino superior de referência na região e que precisa estar em equilíbrio no que concerne aos objetivos de uma Universidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, sobre os egressos do curso de História da UESC, foi iniciada a partir das reflexões, questionamentos, inquietações em sala de aula, como professora de História no ensino fundamental e médio e também como egressa do curso de História da UESC. Este é o momento do trabalho onde colocamos as questões como finalizadas, entretanto, a pesquisa mostrou que é um momento de partida, de abertura de novas reflexões principalmente quanto ao curso de História da UESC e da sua atuação com os egressos e com a comunidade regional que recebe os professores formados na Instituição.

Pudemos verificar, segundo a visão dos egressos entrevistados, que a causa da dificuldade que tiveram em transpor os conhecimentos históricos vistos na graduação, foi a distância entre teoria e prática. Desta forma, o curso de licenciatura em História da UESC não

conseguiu atingir o objetivo estabelecido no PAC do curso de “fugir de ações dicotômicas e restritivas nos campos do ensino e da pesquisa”. Nesta perspectiva é de grande importância a avaliação dentro do próprio curso de História conjuntamente aos docentes, discentes e egressos, para refletir sobre os objetivos que constam no PAC, se eles realmente estão sendo atingidos.

Observamos que mesmo diante das questões impostas ao trabalho do professor de História, a maioria dos egressos não pretende mudar de profissão. Este dado reforça a função da Universidade no âmbito do ensino, inclusive quando constatado que 76,7% dos egressos atuam na Educação Básica e que 90% atuam na sua área de formação inicial.

Acreditamos que conseguimos alcançar os resultados esperados, principalmente porque a pesquisa possibilitou traçar um perfil dos egressos no que tange à sua trajetória acadêmica anterior e que hoje estão inseridos no mercado de trabalho. Ouvir o egresso foi uma forma de verificar e trazer à reflexão a qualidade e a função do curso de História da UESC, enfocando a sua importância no transcurso de uma década, na qual passou por mudanças estruturais que foram de grande repercussão, principalmente porque o curso de Estudos Sociais havia sido implantado há mais de três décadas e mudar a estrutura do curso de licenciatura curta para Licenciatura Plena em História foi uma grande conquista, mesmo que tardia.

Desta forma, a realização desta pesquisa foi relevante, pois não podemos esquecer que a função e responsabilidade da Universidade não acabam quando forma profissionais, para o mercado de trabalho, neste caso, professores de História. A essência da prática universitária é a aquisição de conhecimentos e habilidades que formem o aluno para a cidadania individual e social, através de uma educação de qualidade.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada como requisito final para o Curso de Especialização em História do Brasil.

<sup>2</sup> Especialista em História do Brasil (2012); licenciada em História (2006); Técnica Universitária da UESC. E-mail: [mari0935@hotmail.com](mailto:mari0935@hotmail.com) e [mari-reis@live.com](mailto:mari-reis@live.com)

<sup>3</sup> ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papyrus, 1995 - (Série Prática Pedagógica), p.18.

<sup>4</sup> UESC. *Projeto de Reformulação Curricular em adendo ao Processo CEE 334/94 Protocolo nº 4041, de 06.09.94, de Reconhecimento do Curso de Estudos Sociais Licenciatura Plena – habilitações em História e Geografia*, nov. 1996, p. 7.

<sup>5</sup> FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papyrus, 2003 – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico), p.77.

<sup>6</sup> FENELON, Déa Ribeiro. A questão de Estudos Sociais. In: *Cadernos Cedes* - Centro de Estudos Educação e Sociedade. São Paulo: Cortez Editora, 1984, p. 21.

<sup>7</sup> Neste caso, tomo como referência a turma do Curso de História/UESC do ano 2003.1 (início), na qual, eu também me incluía na condição de aluna de História.

<sup>8</sup> BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.